

**COMPUTERWORLD.com.pt** pesquisa rápida Pesquisar

**Poupe até 90% com a Sun** POUPE JÁ! »

INÍCIO NEGÓCIOS TECNOLOGIAS GESTÃO PESSOAS WHITE PAPERS ASSINAR PESQUISA CONTACTOS

RSS

**"O grande papel da Carnegie Mellon é simplificar os processos"**  
Desenvolvimento de Aplicações @ Pessoas  
17:11:2009 11:11:50

A directora do Center for Technology Transfer and Enterprise Creation (CTTEC) da universidade de Carnegie Mellon, Tara Brantsad considera que o grande papel da Carnegie Mellon na transferência de tecnologia para empresas é simplificar os processos e dar-lhes transparência – são uma forma de incentivar a participação. “A falta de transparência é desmotivante. E é também por isso que há um procedimento e contrato padrão para fazer spin-offs”, explica. O papel de facilitador passa por “promover a confiança e o desenvolvimento” do projecto. “Toda a gente sabe no se está a meter”, sublinha a responsável. Assim, Branstadt é clara quando fala, por exemplo, na atribuição de bolsas. Diz que a universidade procura ajudar “não só os projectos mais comerciais” mas também os projectos

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Organizações regionais ajudam na transferência tecnológica  
Carnegie Mellon prepara rede social e... “financeira”  
“O grande papel da Carnegie Mellon é simplificar os processos”  
Fusão entre HP e a 3Com ameaça negócio da Cisco  
Fortinet detecta aumento nos níveis de malware

DINAMIZE O SEU NEGÓCIO  
com a nova impressora Epson Stylus Office

## O grande papel da Carnegie Mellon é simplificar os processos”

A directora do Center for Technology Transfer and Enterprise Creation (CTTEC) da universidade de Carnegie Mellon, Tara Brantsad considera que o grande papel da Carnegie Mellon na transferência de tecnologia para empresas é simplificar os processos e dar-lhes transparência – são uma forma de incentivar a participação. “A falta de transparência é desmotivante. E é também por isso que há um procedimento e contrato padrão para fazer spin-offs”, explica. O papel de facilitador passa por “promover a confiança e o desenvolvimento” do projecto. “Toda a gente sabe no se está a meter”, sublinha a responsável.

Assim, Branstadt é clara quando fala, por exemplo, na atribuição de bolsas. Diz que a universidade procura ajudar “não só os projectos mais comerciais” mas também os projectos classificados como “boa investigação”.

Embora haja formas de contornar os obstáculos, a responsável explica que a universidade não pode associar propriedade intelectual a uma entidade comercial. Mas podem dar exclusividade no licenciamento, a patrocinadores de investigação. E por exemplo, se as startups usam as instalações da Carnegie esta pode ter direito a uma parte dos lucros se a inovação for comercializada.

Em 2009, a universidade tem registadas 30 startups em processo de formação. Branstadt considera que é “um bom prognóstico” para os resultados do ano. Em regra, a universidade consegue ajudar a constituição de 10 empresas por ano.

A inovação aberta é bastante encorajada, na Carnegie Mellon. E segundo Branstadt há muita troca e comunhão de ideias. “Há também riscos de transferência de informação, mas até isso pode trazer benefícios”, admite. Pelo meio, há vários organismos que desempenham um papel nos processos de transferência, nascidos de iniciativas colectivas na maior parte dos casos: desde empreendedores específicos de certas áreas, a angariadores de fundos e patrocínios.

Mesmo assim a grande parte das verbas de investigação provêm do financiamento de fontes federais. Mas a dependência criada face aos fundos de investigação, não deixa de pressionar a as estruturas universitárias no sentido de desenvolverem investigação.

